

A censura em destaque: desenhando com terços de Márcia X em evidência

Anna Paula da Silva, Universidade Federal da Bahia, Universidade de Brasília

A performance/instalação *Desenhando com terços* (2000-2003) de Márcia X (Rio de Janeiro-RJ, 1959-2005) apresenta ironia em narrativa transgressora na utilização de um objeto, o terço (objeto vinculado aos ritos da religião cristã católica). A poética da obra evidencia a obsessão da artista, em objetos séries, no ato de desenhar falos com o objeto de material plástico no espaço, e do vestígio que ali reside e resiste. Neste sentido, esta comunicação apresenta a revisão sobre a censura da obra a partir da exposição *Erótica* – os sentidos na arte, ocorrida no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro (CCBB-RJ), em 2006, como evidência de uma censura existente à época e expressiva para a continuidade da exposição, que narra as possibilidades de uma leitura de uma censura aparentemente velada, e que nas conjunturas atuais nos parece mais ainda em debate acirrado, afim de corroborar com uma suposta moral e bons costumes, do que pode ou não ser elemento da – na – produção artística. Então, qual é o limite e o limiar do desenvolvimento do gesto artístico, da concepção da obra e de sua exibição quando envolve elementos / símbolos de uma performance religiosa? Coloca-se em questão a institucionalização de uma obra em espaços culturais, que em suas narrativas vislumbram uma pluralidade de sentidos sobre a existência de obras e de poéticas inscritas em uma contemporaneidade com diversas pautas políticas. As obras de Márcia X apresentam debates sobre os (não) limites de utilização de uma matéria simbólica para a recepção de públicos e para o pós-acontecimento, visitar essa obra, como outras da artista, apresenta possíveis reflexões sobre essa censura evidente e a tensão política atual e em destaque no Brasil. Portanto, a comunicação versará sobre alguns casos recentes de censura e da abordagem, em entrevista, do artista Ricardo Ventura sobre a censura da obra no CCBB-RJ, e como a recepção dessa obra específica pode revelar a censura “silenciosa” e existente sobre obras de arte em espaços culturais.

Palavras-chaves: Censura; *Desenhando com terços*; Márcia X.

*

The performance / installation *Desenhando com terços* (2000-2003) by Márcia X (Rio de Janeiro-RJ, 1959-2005) presents irony in transgressive narrative about use of third (object linked to the rites of the catholic Christian religion). The poetics of the work show obsession of the artist in series objects and in the act of drawing phalluses with the object of plastic material in space. The vestige resides and resists there. In this sense, this communication presents a review on the censorship of the work from the exhibition *Erótica* - the senses in art held at

the Centro Cultural Banco do Brasil in Rio de Janeiro (CCBB-RJ) in 2006. As evidence of an existing censorship at the time and expressive for the continuity of the exhibition, which tells the possibilities of a reading of a seemingly veiled censorship and in the present conjunctures seems to us even more in a heated debate, in order to corroborate with a supposed morality and good manners, than can or not be an element of artistic production. So what is the limit and the threshold of the development of the artistic gesture, the conception of the work and its exhibition when it involves elements / symbols of a religious performance? We call into question the institutionalization of a work in cultural spaces, which in their narratives envision a plurality of meanings about the existence of works and poetics inscribed in a contemporaneity with diverse political guidelines. The works of Márcia X present debates about the (non) limits of the use of a symbolic material for the reception of publics and for the post-event revisiting this work like others by the artist presents possible reflections on this evident censorship and tension current policy in Brazil. Therefore, the communication will cover some recent cases of censorship and the approach in an interview by the artist Ricardo Ventura about the censorship of the work in the CCBB-RJ and how the reception of this specific work can reveal the "silent" of art in cultural spaces.

Keywords: Censorship. Desenhando com terços. Márcia X.

[...] inventar-se como artista, processo que se dá em público e sempre frente a um circuito real, concreto, em suas materialidades e medidas. Insistências, confrontos, embates, fugas e linhas limite: a trajetória não é linear nem tranquila, ou seja, há uma coleção de aventuras e o redelineamento constante entre demandas e desejos em jogo, de um lado e ou de outro – o que se quer, o que se lhe é atribuído, as intervenções, processos afetivos e resultados¹.

A existência e resistência do/da artista são noções em evidência na – para – obra de arte; o/a artista aquele/a que poeticamente cria um trabalho, que o solta ao mundo, a espera de todas as possibilidades de fruição, em termos de gostos, de experiência e de propagação da poética. Na citação acima, Ricardo Basbaum posiciona o artista entre diálogos e confrontos, sem conformações, mas como aquele que se propõe a produção e de que esta seja experimentada em meio a (dis)(con)cordâncias.

Neste sentido, a existência como vínculo a obra é o reconhecimento do artista como aquele que cria – criou – e a resistência como algo próximo ou completamente relacionado a sua própria identidade, ou seja, como o/a artista se percebe, como a poética está inscrita em seus trabalhos. Portanto, a existência e a resistência estão indissociáveis e vinculadas entre o artista e a obra apresentada. Há algum momento que o artista e a obra tornam-se dissociáveis? Essa questão tem relação com o que se vê, ou seja, quando se olha, experimenta, frui uma determinada obra e que as suas narrativas estão relacionadas a comentários sobre o artista, a sua poética e as suas obras. Neste sentido, quando algumas obras são institucionalizadas a autoria entra em suspensão ou é enfaticamente percebida.

A partir de uma obra é possível (re)conhecer uma infinidade de narrativas singulares e particulares, fundamentalmente, quando a obra se encontra em regime expositivo, ali existem “cálculos”, que envolvem muitos narradores e interlocutores e, evidentemente, há distinções dos protagonismos no processo de comunicação. Enfatiza-se a questão do recorte como uma impossibilidade de domínio *lato* sobre aquilo que se vê, as exposições nada mais são do que escolhas privilegiadas, que muitas vezes são arbitrárias.

Este texto aborda a partir dessas escolhas e do gesto artístico a censura nos discursos de grupos sociais, a partir de reivindicações contrárias às obras e às exposições, e que coloca em questão a impossibilidade de conhecimento e de reconhecimento do que é de domínio público, exposições que usam recursos públicos, e que não são acessadas por um determinado público no espaço expositivo, mas sim no espaço das redes sociais, que por sua vez propagam a censura, descontextualizando a obra e o regime expositivo em que se encontra.

¹ BASBAUM, Ricardo. *Manual do artista-etc.* Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013, p. 21-22.

O alvo da censura não é apenas a obra, mas todos os protagonistas, fundamentalmente, o artista, pois é o criador que se torna o narrador principal sobre essas narrativas de censura viralizadas de uma forma que muitas vezes não se sabe muito sobre a obra, mas sabe quem a fez: a atenção está sob o artista. Esse conflito não é do mundo atual, o conflito envolve questões de aceitação sobre o que pode ser produzido como arte e de tabus sobre alguns temas e objetos, cujos valores simbólicos sobrepõem os direitos e deveres previstos pela Constituição Federal de 1988 do Brasil.

Este texto é sobre comentários e a associação entre aquilo que se vê na exposição, os recortes midiáticos, as narrativas possíveis daqueles que acessam as obras por meio de exposições e, também, por aqueles que acessam as obras a partir de imagens e textos disseminados nas redes sociais. Também, são apresentadas reflexões sobre a poética, a obra em si; a influência das redes sociais sobre exposições e obras, que constitui ponderações sobre a consciência da liberdade de expressão e da censura; a fruição da obra a partir do recorte; a rede social como um levante sobre moralidade; e a existência de uma censura, que sempre teve atuação entre dogmas, silêncios e do que é socialmente, culturalmente, politicamente aceito ou não.

A produção desse texto se deu pela inquietação sobre a censura de trabalhos artísticos e a perseguição a artistas, no ano de 2017. A viralização e a descontextualização da obra e do espaço expositivo aparentam similitudes com o caso da obra *Desenhando com Terços* da artista Márcia X². Neste sentido, enfatiza-se que não é uma mera semelhança ou uma mera coincidência, convivemos com a presença da censura diariamente, visto que não rompemos com certos valores de uma suposta moral e bons costumes, afinal somos ainda um país enraizado em preconceitos. Portanto, quando trabalhos artísticos nos convidam a rever algumas questões tão intrinsecamente formadoras do que somos, como brasileiras e brasileiros, nos vemos nos discursos que profetizam e propõem a censura.

Márcia não enfatizava uma fala crítica/ política como antecipação à sua obra, suas inquietações mais notórias para o público focavam-se no campo da permanência da experimentação sem deixar de lado o rigor forma ou de reflexões mais voltadas à linguagem da performance no Brasil. Não se empenhava em afinar ideologias, mas afirmava que o humor era a sua arma de combate aos símbolos de poder [...]³.

² Márcia Pinheiro de Oliveira (Rio de Janeiro, 1959-2005), conhecida como Márcia X, artista visual, cuja carreira inicia em 1980. A artista é conhecida por suas performances, performances/instalações e instalações, tais como *Lovely Babies - Os Kaminhas sutrinhas* (1993-1995), *Fábrica Fallus* (1992-2004), *Pancake* (2001), *Desenhando com Terços* (2000-2003), entre outras obras. (Informações disponíveis em: < <http://marciax.art.br> > & < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21592/marcia-x> >. Acesso em: 30 ago 2018.

³ LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 24.

A narrativa curatorial de Beatriz Lemos, no catálogo sobre vida e obra de Márcia X⁴, enfatiza o lugar de fala da artista de forma fluida e não prescritiva, a poética de Márcia X apresenta humor e a desconstituição de objetos de seus valores primeiros/ de “origem”, sem o intuito de apresentar uma compreensão da relação entre a poética e a linguagem constitutiva da obra, as obras de Márcia X evocam o lugar da estranheza e da crítica construída pelo olhar individualizado e de sua repercussão na coletividade.

Portanto, as obras de Márcia X nos aproximam de objetos do uso cotidiano, que performam os seus valores simbólicos em diálogo/confronto com a leitura de mundo/ narrativas de grupos sociais. É fundamental tecer comentários sobre as obras, mas como tecer comentários sobre aquilo que não experimentamos em regime expositivo? Como experimentar/ fruir obras a partir de narrativas nas redes sociais? Como a censura é atuante nas redes sociais a partir de recortes sobre as obras? Como uma imagem recortada pode ter impacto e apresentar a performatividade da obra? A reflexão perpassa pela censura como um “elogio” ao trabalho artístico, na medida em que a censura perpetua a obra – toca o dedo na ferida – e a sua performatividade está justamente na evidência poética a partir de uma imagem. Mas, a censura, também, perturba a obra e o artista tem sua liberdade cerceada.

Censura em destaque: notícias sobre obras: mídia e redes sociais

Já não é a primeira vez que vejo citada de maneira incorreta a performance realizada na II Feira Internacional do Livro – São Conrado Fashion Mall – Rio, RJ. O título do trabalho é ‘Celofane Motel Suíte’, tendo sido elaborada por mim e pelo poeta Alex Hamburger para a utilização das ‘não-roupas’, peças de pintura para serem vestidas feitas de sacos de plástico transparentes com imagens em vermelho. Durante a apresentação, enquanto Alex lia seus poemas, eu, ‘vestida’ com as ‘não-roupas’ me coloquei [posicionei] em cima de uma lata de lixo. Alguns moralistas chamaram a ‘segurança’ do shopping que compareceu de maneira fascista, me arrancando de lá à força, apontando o revólver, nos ameaçando e perseguindo o tempo todo que permanecemos no local. Entretanto, a frequência da feira era grande e havia bons entendedores por lá, que protestaram, discutiram, berraram, deram o sinal de vida que nos propomos provocar⁵.

Este texto é uma carta escrita por Márcia X encaminhada para o periódico LEIA. A artista também ressalta que os jornalistas do periódico são machistas e

⁴ “Em fevereiro de 2013, foi inaugurada a exposição Arquivo X, com curadoria de Beatriz Lemos, que celebrou o projeto Acervo Márcia X, com a doação de todo o conjunto de obras e documentos da artista ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A mostra contemplou o arquivo documental como importante fonte de pesquisa sobre vida e obra de Márcia X” (In: LEMOS, Beatriz (Org.). Márcia X. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 541).

⁵ Citação de documento escrito por Márcia X, 16 out 1986 (In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 123).

atribuíram apenas a autoria do trabalho a Alex Hamburger, e que ela foi relegada como apêndice. O texto apresenta o contexto da época, mas também faz pensar sobre o contexto atual, em que a mídia, em suas diferentes facetas, repercute notícias e comentários sobre obras de forma contraditória e polêmica. A mídia constitui e é também a rede social, onde são veiculados recortes sobre obras e contextos.

Neste sentido, no Brasil, em 2017, foram veiculados notícias e comentários sobre obras e seus criadores, demarcando a censura escancarada. É o caso das obras: DNA de Dan do performer Maikon K, a obra fez parte da programação do Palco Giratório do SESC, onde o artista performou nu dentro de uma bola plástica, na área externa do Complexo Cultural da República, em Brasília, o artista foi detido e levado para delegacia de forma coercitiva; Atos da transfiguração – receita como fazer um santo de Antônio Obá, performance onde o artista está nu, agachado e utiliza um ralador para ralar uma imagem de uma santa católica, o artista teve sua vida ameaçada nas redes sociais e por telefone, e encontra-se exilado nos Estados Unidos; e La Betê de Wagner Schwartz, onde o artista está nu e manipula uma réplica de um Bicho, obra de Lygia Clark, e o artista também recebeu ameaças pelas redes sociais⁶.

As três obras envolvem alguns tabus, dentre eles o corpo nu, este, por sua vez é estigmatizado, e que pela moral só pode ser visto em determinadas circunstâncias e com classificação indicativa; e o uso de um símbolo religioso, no caso a imagem de uma santa, ralada sob o corpo negro nu do artista. Para além desses tabus, no caso da obra *La Bête*, foi questionada o posicionamento de uma mulher, como mãe, que permitiu que sua filha tocasse uma parte do corpo do performer.

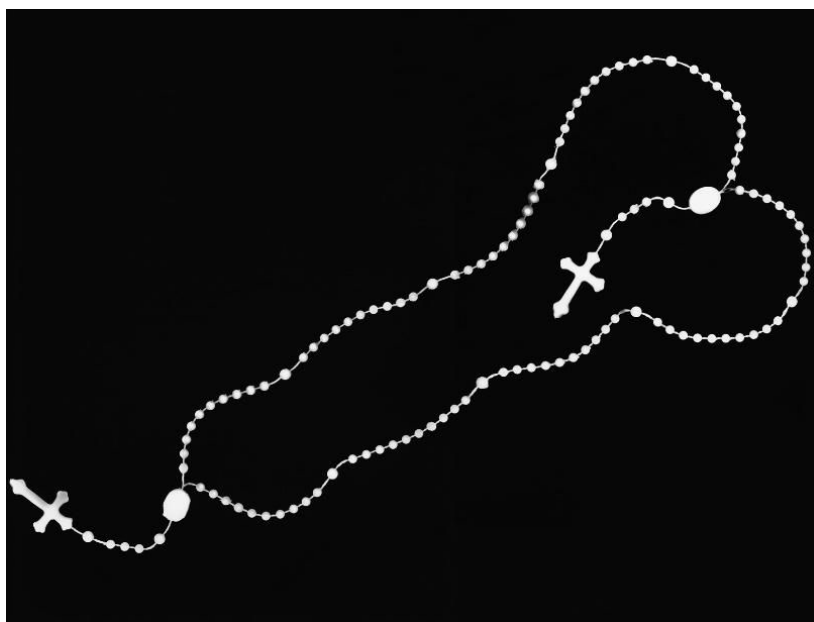
As notícias sobre as obras apareceram em forma de recortes, imagens e textos, copiados e apenas vivenciados pelas pessoas a partir da rede social. Enfatizo que o conhecimento sobre uma obra de arte ocorre por meio da imagem e das narrativas que a tangenciam. No entanto, os recortes disseminados viralizaram no tom de censura do que pode ou não ser uma obra de arte, se anuncia cada vez mais a vivência nas redes sociais como extensão do mundo e para a leitura deste mundo, em tempos de *fake news* e da liberdade que se supõe ter nas redes sociais, pautando a possibilidade de falar tudo que se pensa pela crença que alguns valores são mais ideais que outros.

⁶ Ver notícias (disponíveis em:<
<https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/2017-ano-em-que-censura-voltou-ameacar-as-artes-visuais-22226423>>,
<<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/artista-detido-pela-policia-durante-performance-de-nu-artistico-volta-ao-df.ghtml>>,
<<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/nu-artistico-interrompido-no-df-foi-falha-de-organizadores-diz-pm.ghtml>>,
<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/05/exilado-apos-ameacas-de-religiosos-brasileiro-ex-poe-em-nova-york.shtml>>, entre tantas outras notícias. Acesso em: 26 ago 2018).

Em minha vivência, nas redes sociais, eu percebi que os recortes foram viralizados por pessoas que não conheciam os artistas e que aparentemente tomaram ojeriza sem ao menos conhecer o criador e a sua poética, e que também não haviam vivenciado a exposição. Algumas dessas pessoas sabiam da existência da obra a partir de um registro de alguém que visitou a exposição, e mesmo assim a produção artística foi criticada por meio de tabus enraizados socialmente em nossa cultura. O fato é que as críticas são necessárias porque fazem o trabalho circular de uma forma ou de outra, mas como a crítica torna-se censura/ é censura? Os valores de um grupo social interferem na recepção de uma obra, mas como isso pode ser assimilado de uma forma propositiva de reflexões sobre a produção artística e a realidade social, econômica, política e cultural de um país?⁷

Estamos diante de limites impostos pela forma como as relações acontecem na atualidade, principalmente, pela rede social e o seu sentido de controle projetado pela censura do que é aceito ou não sobre condutas. Desta forma, as notícias veiculadas nas redes sociais sobre as três obras citadas acima e a entrevista com o artista Ricardo Ventura, este ano (29 mar 2018), sobre as performances de Márcia X, me fizeram lembrar de uma exposição que não foi exibida na sede do Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília, *Erótica – os sentidos na arte*, por conta da censura de um fotograma da obra *Desenhando com Terços* da artista Márcia X.

Márcia X: Desenhando com terços (2000-2001)



⁷ Na pesquisa de campo do doutorado (Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília), em curso, um dos artistas entrevistados mencionou que para ele uma das preocupações é pensar se suas obras serão censuradas, tendo em vista que a censura tornou-se um lugar comum e socialmente disseminada nas redes sociais, por reverberar os sentidos de nossa identidade e de nossos valores.

Fig 1 | Imagem do fotograma da obra *Desenhando com Terços* da artista Márcia X⁸.

Eu conheço a obra de Márcia X por meio do desdobramento da presença da poética da artista, em imagens e narrativas⁹, ou seja, a partir da performatividade dos vestígios da obra. *Desenhando com terços* é uma performance com desdobramentos em registro (fotografias, vídeos e fotogramas) e instalação¹⁰. A partir das imagens, visualiza-se a obsessão da artista no desenho de falos, no chão, tendo utilizado entre 400 e 500 terços (rosários), há cruzamentos entre cada um dos falos milimetricamente, que vão formando um conjunto obsessivo a ser observado no gesto/desenho da artista.

Esta obra destaca o erotismo como debate por meio da poética feminista de Márcia X, ironizando e transgredindo – transformando – o objeto de rituais sacros, em um posicionamento crítico as instâncias do que se vê, um objeto de plástico que forma um desenho de pênis no chão, e do significado do objeto para um determinado grupo, um terço para rituais católicos. Portanto, para além do hilário, do humor e da ironia, a obra em questão apresenta a transformação iconográfica do terço e profana a domesticação de um símbolo¹¹.

Márcia X, de camisola branca, usa terços para realizar desenhos de pênis no chão, ocupando uma área determinada. O público acompanha o desenvolvimento o trabalho.

Este trabalho adquire características específicas de acordo com a situação em que é realizado.

Como desenvolvimento da proposta, *Desenhando com Terços* poderia ser realizado ocupando um espaço muito grande, consumindo vários dias (até um mês) para ser executado. A extensão do desenho evidenciaria a abstração resultante da trama dos terços e o caráter obsessivo do processo.

[...]

Fotogramas – É uma série de trabalhos em fotografia usando o mesmo processo da performance. Os desenhos de pênis são realizados com terços diretamente sobre o papel fotográfico e revelados. Esta técnica,

⁸ Fonte: Disponível em: < <http://marciax.art.br/mxText.asp?sMenu=4&sText=47>>. Acesso em: 26 ago 2018. Após a censura da obra, Ricardo Ventura, companheiro de Márcia X, cedeu os direitos autorais da imagem, tornando-a de domínio público para que seja disseminada (Disponível em: < <http://marciax.art.br/mxText.asp?sMenu=4&sText=47>>. Acesso em: 26 ago 2018).

⁹ “A primeira vez que acontece *Desenhando com Terços*, em 2000, na reinauguração do Espaço Cultural Municipal Sergio Porto, Rio de Janeiro. Foi reapresentada, no mesmo ano, na Casa de Petrópolis – Instituto de Cultura, Petrópolis, Rio de Janeiro, gerando uma instalação que tem o mesmo nome que a performance, a artista usou 400 terços para desenhar os pênis, no chão de uma sala de jantar em restauração” (In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 539).

¹⁰ “*Desenhando com Terços*, Pancake, Ex-machina, Ação de Graças, Cair em Si são performances/instalações criadas entre 2000 e 2002 reunindo componentes característicos da religiosidade brasileira e de obsessões culturalmente associadas às mulheres, como sexo, beleza, alimentação, rotina, consumo e limpeza. Nestes trabalhos, imagens e ações habituais parecem contaminadas pela lógica dos milhares, contos da carochinha, sonhos e pesadelos” (texto escrito por Márcia X, 2002. In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 59).

¹¹ MONTEJO-NAVAS, Adolfo. Limiar (Para Márcia X.). In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 430.

rayograph, inventada por Man Ray no início do século XX, não produz negativos: cada fotograma é um original¹².

A artista tenciona as relações simbólicas do objeto, e impulsiona o lugar de fala, como artista e mulher, revelando a sagacidade no gesto/ no desenho a criticidade na desconstrução simbólica do falo, aquele que ainda “[...] rege politicamente as relações, a política de gênero e dos corpos em grande parte da sociedade atual”¹³ (NAVAS, 2013, p. 428). Segundo Osório¹⁴, a poética de Márcia X apresenta “Erotismo, perversão, sacralidade, humor, tudo vai se contaminando e se misturando, sobrando ao espectador uma resposta entre o incômodo, a perplexidade e a pilhéria”¹⁵.

Em entrevista, Ricardo Ventura¹⁶ menciona como se dava parte do processo criativo de Márcia X: a artista tirava um cochilo no carro, enquanto ficava entre acordar e dormir, e então vinham as ideias como se estivesse em um transe, foi assim com *Desenhando com Terços* e com outras obras. Ricardo Ventura relembra que comentou com Márcia X sobre o uso de terços, que tomasse cuidado em mexer com a igreja. A artista fez o trabalho e, provavelmente, sabia das possibilidades de repercussão, uma vez que outras obras já haviam sido censuradas.

Segundo Lemos¹⁷, Márcia X não recebia o respaldo do público especializado e foi censurada em várias ocasiões, justamente, por suas pesquisas estarem pautadas em assuntos que envolviam “[...] crítica institucional à social, do atravessamento da sexualidade à religiosidade, da identidade de gênero ao feminismo [...]”¹⁸.

Durante a entrevista, Ricardo Ventura, também, mencionou que em algumas situações, quando Márcia X era viva, ocorria uma pré-censura das obras, justamente pelo teor polêmico, e que após o seu falecimento é que o trabalho da artista foi reconhecido. Ricardo Ventura afirma que não é à toa que após a polêmica da exposição do CCBB-RJ, alguns colecionadores o procuraram para comprar o trabalho de Márcia X, mas que para ele o fundamental era que o acervo da artista estivesse em um local público, em um museu que contribuiu

¹² Texto da artista (In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 238).

¹³ MONTEJO-NAVAS, Adolfo. Limiar (Para Márcia X.). In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 428.

¹⁴ OSÓRIO, Luis Camillo. Uma trajetória radical, desenvolvida à margem do circuito institucional. In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 448-449.

¹⁵ OSÓRIO, Luis Camillo. Uma trajetória radical, desenvolvida à margem do circuito institucional. In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 449.

¹⁶ VENTURA, Ricardo. *Ricardo Ventura*: entrevista. Entrevistadora: Anna Paula da Silva. Rio de Janeiro, mar 2018. 1 arquivo .mp3 (1h57m54s).

¹⁷ LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 22.

¹⁸ LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 20-21.

para a trajetória da artista e de muitos outros no Rio de Janeiro, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ).

O arquivo de Márcia X apresenta os desdobramentos de muitas performances/instalações e uma trajetória que faz parte de um conjunto que une cada um dos trabalhos. Há uma reinvenção da presença da artista nos registros, filmes e fotografias, apresentando uma outra temporalidade e a existência-resistência das obras¹⁹.

Todo desenho é registro. Quer seja registro de um ou de uma série de gestos, quer seja registro de um ponto de vista e de uma maneira de olhar. O desenho é sempre o resultado de um processo que é ainda passível de revisão entre os traços finalizados, ao contrário do que ocorre em outras manifestações das artes visuais em que o resultado parece congelado, sem profundidade temporal. Há, entretanto, situações em que esse processo se sobrepõe e se afirma com mais força, em que o desenho-resultado é um resto, uma sobra, um resquício, um resíduo do processo formador²⁰.

Em texto produzido para folder da exposição, Temporada de Projetos, no Paço das Artes, São Paulo-SP, em maio de 2001, Carla Zaccagnini apresenta a compreensão do desenho como registro do gesto artístico repetitivo, que narra o tempo, a duração do gesto, a permanência do desenho “[...] como lembrança e testemunho”, não apenas como resultado, mas também como parte da ação²¹.

Desta forma, o fotograma se desdobra do desenho de Márcia X, onde o gesto produzido na performance *Desenhando com Terços* dura e sobrevive como obra. O fotograma (figura 1) é um dos desdobramentos da performance e não enfraquece a abordagem poética da artista, pelo contrário evidencia a potência da obra²², como foi perceptível na retirada da obra do CCBB- RJ.

Na entrevista, Ricardo Ventura²³ afirma que toda a situação foi causada por um indivíduo que pertencia ao grupo religioso Opus Christi, que iria participar das eleições naquele ano, e que entrou no CCBB-RJ e viu o fotograma²⁴. Após essa visita, houve uma repercussão, a denúncia de que a obra era uma blasfêmia para o grupo, o que foi acatado pelo Banco do Brasil. Na época, o banco afirmava que não era uma questão de censura, mas o trabalho não poderia ficar em exposição.

¹⁹ OSÓRIO, Luis Camillo. Uma trajetória radical, desenvolvida à margem do circuito institucional. In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 449.

²⁰ ZACCAGNINI, Carla. *Desenhando com Terços*. In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 500-501.

²¹ Idem, p. 501.

²² FREY, Tales. *Discursos críticos através da poética visual de Márcia X*. 2 ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2013, p. 72.

²³ VENTURA, Ricardo. Ricardo Ventura: entrevista. Entrevistadora: Anna Paula da Silva. Rio de Janeiro, mar 2018. 1 arquivo .mp3 (1h57m54s).

²⁴ Em relato sobre a exposição, no colóquio do CBHA deste ano, Tadeu Chiarelli apresentou outras evidências sobre a censura da obra de Márcia X, como também, de uma obra do artista Alfredo Nicolaiewsky. Na época, Tadeu Chiarelli teve que prestar depoimento em uma delegacia sobre as obras e as exposições.

A obra foi retirada, o que gerou revolta de alguns artistas que participavam da mostra²⁵, do curador e de outras pessoas, que se mobilizaram contra a decisão arbitrária do banco, e no final a exposição Erótica – os sentidos na arte não seguiu para sede em Brasília.

Erótica: censura em evidência

A exposição *Erótica – os sentidos na arte* esteve, em seu primeiro momento de exibição, na sede do Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, entre os dias 21 de fevereiro a 30 de abril de 2006. Em exposição, estavam um pouco mais de 100 objetos e obras.

Segundo o curador da exposição, Tadeu Chiarelli²⁶, o termo *erótica* estava inscrito na mostra de forma a ser uma ‘coletânea de imagens eróticas’, conforme o registro do termo em dicionários de língua inglesa, sendo o objetivo principal da exposição “[...] apresentar objetos e objetos de arte que tragam, na constituição material e imagética de todos eles, componentes eróticos evidentes ou sutis, capazes de, reunidos, constituírem uma erótica específica”²⁷.

Segundo Oliveira, Vieira e Silva²⁸, a exposição teve visitação de 120 mil pessoas no CCBB-SP e que não houve quaisquer indícios de revolta quanto a obra, que se tornou alvo de censura no CCBB-RJ.

Após permanência no CCBB/São Paulo e decorridos dois meses de sua inauguração no Rio de Janeiro, no dia 19 de abril de 2006, a obra “Desenhando com Terços”, da artista Márcia X (1959-2005), ilustrada a seguir, foi retirada da exposição por ordem da diretoria do Banco do Brasil, patrocinador da mostra. A obra é um fotograma onde se vê o desenho de dois pênis cruzados em forma de X, realizados com terços diretamente sobre o papel fotográfico²⁹.

²⁵ “Artistas que participavam da mostra ameaçaram retirar suas obras. A artista Rosângela Rennó exigiu, em carta ao Diretor do CCBB, que suas peças expostas no evento do Rio fossem cobertas, e ameaçou retirá-las da exposição de Brasília, caso a obra de Márcia X não fosse reintegrada à mostra. As obras de Rosângela ocupavam uma sala especial (o cofre) e permaneceram tapadas, na última semana da exposição, com a carta fixada sobre o pano preto, transformando-se numa das mais eficazes ações de protesto” (In: OLIVEIRA, Rafael Pereira; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; SILVA, Rosimeire Carvalho da. O sentido da arte: o caso do Centro Cultural Banco do Brasil – RJ. Organizações & Sociedades. Salvador: vol 14, n. 43, dez 2007, p. 137. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302007000400007>. Acesso em: 26 ago 2018).

²⁶ CHIARELLI, Tadeu (Org.). *Erótica: os sentidos na arte* [Catálogo]. São Paulo: Associação de amigos do CCBBSP, 2005, p. 7.

²⁷ Idem, p. 8.

²⁸ OLIVEIRA, Rafael Pereira; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; SILVA, Rosimeire Carvalho da. O sentido da arte: o caso do Centro Cultural Banco do Brasil – RJ. Organizações & Sociedades. Salvador: vol 14, n. 43, dez 2007, p. 130-131. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302007000400007>. Acesso em: 26 ago 2018.

²⁹ Idem, p. 130.

Para os autores³⁰, o grupo religioso, Opus Christi, com a chancela da igreja católica, sacraliza a obra “[...] atribuindo a ela status de objeto de culto religioso”, ou seja, atribuindo um sentido simbólico a obra a partir do que acreditam. Os autores apresentam o paradoxo do grupo religioso quanto aos seus próprios valores e a relação com o Banco do Brasil, para eles ao invés do grupo ressaltar a ferida que a obra causa aos seus próprios valores, o grupo religioso ameaça boicotar o Banco do Brasil com fechamento de contas.

O Banco do Brasil tomou a decisão de forma arbitrária, retirou a obra de exposição, e a decisão pode ser questionada, uma vez que o banco utilizou de lei de incentivo à cultura, ou seja, parte dos recursos foram recursos públicos, e que uma decisão como esta é qualificada como injustificável. Na época, o Ministério da Cultura (MinC), na figura do ministro a época, Gilberto Gil, divulgou uma nota sobre o caso, pedindo que a decisão fosse revista, um trecho da nota apresenta em síntese o problema sobre a decisão do Banco do Brasil:

Toda censura é inaceitável. Os critérios para seleção de obras exibidas numa instalação devem ser de natureza estética, sob a responsabilidade de curadores ou de quem for designado para a tarefa.

[...]

Acreditamos na capacidade de discernimento crítico dos espectadores e do público em geral. Assim como acreditamos que toda tutela na relação entre obra de arte e espectador é inaceitável.

Segundo a Constituição Brasileira, é ‘livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença’. Por isso, não pode haver mais em nosso país nenhum tipo de interdição a obras de arte e a outras formas de expressão³¹.

Portanto, a decisão do banco ao retirar a obra interfere no contato e no acesso do público a arte, pois assimila como valor da instituição os valores de um determinado grupo religioso, em meio aos receios de perder o capital do grupo citado. Quanto a decisão da mostra não ser levada a sede de Brasília, isto apresenta a força dos artistas e das pessoas que se manifestaram contra a decisão do banco, mas também mostra que naquele momento a não existência da exposição fomentava ainda mais a censura. O fato é que esse caso gerou publicidade para o legado da artista Márcia X, e trouxe uma maior visibilidade da poética da artista.

Algumas considerações

Tornar visível

Torna invencível

(...) onde eu posso fazer meu trabalho rodar o mundo, ser querida, manter o humor e a visão crítica, ter prazer, dar prazer, ter coragem, ser coragem, ser desprendida do ego, ser um fato artístico, agir com a precisão de uma

³⁰ Idem, p. 136.

³¹ Ver nota (disponível em: < <http://marciax.art.br/mxText.asp?sMenu=4&sText=47>>. Acesso em 26 ago 2018.

bomba teleguiada para aniquilar esta confusão meleca de sofrimento, anunciar a opção, o caminho a ser tomado, a direção, o ponto-alvo, o X da questão.³²

Neste fragmento textual escrito pela artista, é absorvido cada desejo em seu gesto artístico a partir do arquivo, das obras, das narrativas sobre sua poética, é assim que se conhece Márcia X. A artista alcança voos altos após o seu falecimento, e em cada uma das obras que vejo e leio sobre, Márcia X ecoa, em meio a sua organização transmutada por aqueles que doaram o seu acervo pessoal ao MAM-RJ.

A poética de Márcia X dá notícias sobre uma carreira que atravessou censuras e cuja preocupação era tornar a crítica coletiva a partir de sua poética. Para artista, as pessoas não precisavam entender sobre performance, mas sim vivenciar aquele momento de forma compartilhada.

A censura não é algo bom, nunca será, mas inegavelmente provoca a circulação do trabalho artístico, e provocou a visibilidade da artista e da obra *Desenhando com Terços*. Em meio a censura em evidência sobre as obras de Márcia X, destaca-se o convívio diário com a censura, e é nas redes sociais que a censura, na atualidade, é elevada a potência, sem filtros e com uma dose afirmativa e errônea sobre a liberdade de expressão. Mesmo com decisões judiciais, a exemplo do Santander Cultural, que terá de realizar outras mostras e se retratar, devido a decisão arbitrária de retirar a exposição *Queermuseu*, a sociedade brasileira demonstra uma faceta retrógrada e preconceituosa, onde a liberdade é questionada e o controle é usado a serviço de alguns indivíduos e grupos.

Artistas como Márcia X e obras como da artista citada resistem e existem como proposições a reflexões sobre uma sociedade que tem muito a mudar, entre ironias e humor, a provocação sempre é bem-vinda contra a censura e ao imutável.

Referências bibliográficas

BASBAUM, Ricardo. *Manual do artista-etc*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

CHIARELLI, Tadeu (Org.). *Erotica: os sentidos na arte* [Catálogo]. São Paulo: Associação de amigos do CCBBSP, 2005.

FREY, Tales. *Discursos críticos através da poética visual de Márcia X*. 2 ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013.

³² Texto da artista (In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 26).

MONTEJO-NAVAS, Adolfo. Limiar (Para Márcia X.). In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X.* Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 427-433.

OLIVEIRA, Rafael Pereira; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; SILVA, Rosimeire Carvalho da. O sentido da arte: o caso do Centro Cultural Banco do Brasil – RJ. *Organizações & Sociedades*. Salvador: vol 14, n. 43, dez 2007, p. 129-140. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302007000400007>. Acesso em: 26 ago 2018.

OSÓRIO, Luis Camillo. Uma trajetória radical, desenvolvida à margem do circuito institucional. In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X.* Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 448-450.

VENTURA, Ricardo. *Ricardo Ventura*: entrevista. Entrevistadora: Anna Paula da Silva. Rio de Janeiro, mar 2018. 1 arquivo .mp3 (1h57m54s).

ZACCAGNINI, Carla. Desenhando com Terços. In: LEMOS, Beatriz (Org.). *Márcia X.* Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013, p. 500-501.